

# Tecnologia e Cultura: Corpo Reconfigurado

*Gisele Miyoko Onuki*

Mestranda e bolsista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná – UTP. Especialista em Arte-Educação pela IBPEX e graduada em Dança (bacharel e licenciatura) pela Faculdade de Artes do Paraná - FAP. Docente do curso de Dança da FAP. E-mail: gionuki@gmail.com

**Resumo:** Esta resenha tem por objetivo apresentar e analisar o livro “Corpo e Comunicação: Sintomas da Cultura” de Lucia Santaella (2004), por problematizar o corpo em diversos sentidos: como construção cultural, como ser no mundo e pelas suas relações simbióticas com as tecnologias, não no sentido anti-humanista como propõe Ray Kurzweil (2007), mas nas reconfigurações corporais processadas culturalmente. Da simbiose corpo-tecnologia, Santaella investiga o dito corpo biocibernético e põe em foco o corpo como campo de pesquisa em plena expansão na cibercultura.

**Palavras-chaves:** Corpo, comunicação, tecnologia, sociedade, cibercultura.

**Abstract:** This text presents a review of the book “Corpo e Comunicação: Sintomas da Cultura” by Lucia Santaella (2004), which raises questions about the body in many ways: as a cultural construction, as being in the world and its symbiotic relationships with technology, not in the anti-humanist as proposed by Ray Kurzweil (2007), but the body reconfigurations culturally processed. From the Symbiosis of body-technology, Santaella investigates the biocybernetic body and it concentrates on the body as a research field in full expansion in cyberculture.

**Keywords:** Body, communication, technology, society, cyberculture.

## Sobre a Autora

Lucia Santaella é professora titular da PUC-SP com graduação em Letras Português- Inglês pela PUC-SP (1966), doutoramento em Teoria Literária na PUC-SP (1973), pós-doutorado em Teoria da Comunicação pela Indiana University, IU, Estados Unidos (1993), pós-doutorado em Fundamentos e Crítica em Artes pela Gesamthochschule Kassel, U.K., Alemanha (2004) e livre-docência em Ciências da Comunicação na ECA/USP, em 1993. É diretora do CIMID, Centro de Investigação em Mídias Digitais, da PUC-SP. É também coordenadora do lado brasileiro do projeto de pesquisa Probral (Brasil-Alemanha) sobre relações entre palavra e imagem nas mídias. Tem 23 livros publicados, dentre os quais 4 são em coautoria e dois de estudos críticos. Organizou também a edição de 7 livros. Além dos livros, Lucia Santaella publicou mais de 200 artigos no Exterior e no Brasil.

Seus interesses de pesquisa estão atualmente voltados para a semiótica cognitiva e a cibercultura. Analisa as novas mídias e os novos usuários, questionando o tema das identidades múltiplas, mais evidenciado após o advento das novas tecnologias.

### **Contexto Histórico**

O corpo sempre esteve presente em diversas discussões filosóficas, políticas e culturais. Seja como sujeito ou objeto, o corpo permeou por muito tempo a marginalidade dos fatos e acontecimentos da história da humanidade.

Da consolidação de René Descartes, a partir do século XVII, da compreensão do humano como a mistura de duas substâncias: o corpo (*res extensa*) e a mente (*res cogitans*) iniciou-se a emanção de diversas crises e problematizações *em torno* do corpo nas mais diversas áreas do conhecimento. Iniciaram-se pesquisas investigativas sobre o corpo em suas estruturas anato-fisio-cinesiológicas e os primeiros experimentos com autômatos sucederam-se neste período, assim como as questões filosóficas acerca do “eu” começaram a surgir. E por percorrer tanto a história da Ciência como da Filosofia, o corpo adquire o status de “conceito aberto”.

Segundo Novaes (2003), para a Ciência o corpo é “ao mesmo tempo enigma e parte da realidade objetiva, isto é, coisa, substância”, para os Filósofos “é signo, representação, imagem” (p. 9).

A linha evolutiva da tecnologia caminha em paralelo e entrelaçado com a evolução corporal, na simbiose corpo-tecnologia. Isto não nos leva a refletir sobre um corpo puramente tecnológico, mas sim em como se processam os sintomas e reflexos desta simbiose.

O corpo, aqui entendido como o sujeito do movimento e das percepções, assimila o conceito de “totalidade aberta” de Merleau-Ponty, como sujeito que sente e percebe o corpo com sua totalidade, não em fragmentos ou dissociando corpo de mente/espírito; e de “potência de transformação” de Paul Valéry, na qual o espírito é o universo feito de realidades morais e sociais, que eleva e potencializa o corpo a transformações políticas, filosóficas, tecnológicas e culturais, num processo evolutivo infinito, ou seja, potencializando o corpo a infinitas transformações.

E são estas transformações corporais juntamente com a simbiose com as tecnologias e com as artes que Santaella propõe um passeio sobre as problematizações do corpo sob uma multiplicidade de ângulos. Afinal, o corpo nunca esteve tão em voga e na moda como na atualidade, na qual as discussões não se dão mais *em torno*, mas se processam e internalizam

no corpo, projetando o corpo que denomina de “biocibernético”: “Organismo tecnologicamente estendido que liga ritmos biológicos e o universo midiático atravessado por fluxos de informação” (SANTAELLA, 2004, p. 75).

## **Metodologia**

Em “Corpo e Comunicação”, Santaella foca sua metodologia na pesquisa bibliográfica e na análise qualitativo-crítica de algumas obras artísticas.

## **Objeto**

Seu objeto de pesquisa é o corpo e suas relações com a cibernética, tecnologia, bioarte, moda, mídias e cultura.

## **Comunicação – Cibercultura**

O que é o ser humano? O que nos constitui? Como sentimos dor e prazer? Onde estão as fronteiras do eu? Estas e outras indagações problematizam a individualidade e o corpo em diversos sentidos: como ser no mundo, como construção cultural e suas relações simbióticas com as tecnologias. As perguntas que se levantam em torno do corpo atingem as convicções sobre nossa autoidentidade e tudo o que dela advém.

Para Lucia Santaella o corpo veio a ser o centro de suas pesquisas em comunicação através de contato com trabalhos artísticos que tinham justamente na interface entre corpo e tecnologia o alvo de suas tematizações.

A dedicação ao mapeamento do diálogo corpo e arte ocupa cerca de um terço do livro. Espaço suficiente para estabelecer um panorama dos artistas que, segundo a autora, se lançam à frente, desbravando os novos territórios da sensibilidade e imaginação. Os artistas aos quais se refere são aqueles que “tomaram seu próprio corpo como objeto de intervenções surpreendentes e criações muitas vezes insólitas”, rebelando-se e resistindo “à oficialidade instituída da arte”, o que denotaria a intensificação gradativa da centralidade do corpo nas artes desde o início do século XX – capítulo 5, *O corpo na arte: dos anos 70 à biocibernética atual*.

Hoje, em plena efervescência da revolução digital, a teleinformática transformou o mundo em um campo total de eventos interdependentes, abertos à participação coletiva, tornando cada um de nós imediatamente presentes ao que acontece e acessíveis a partir de qualquer ponto no espaço. Com isso, nosso corpo orgânico, desdobrado nas extensões virtuais, imerge em um

mundo total de experiências (...) Além de estar ligado ao ambiente através de uma continuidade eletromagnética, trata-se de um corpo modificável por meio da tecnociência. Tudo isso torna o corpo permeável e sem fronteiras, abalando as antigas e estáveis relações binárias entre mente e corpo, cultura e corpo, cultura e natureza (idem, p. 80).

Santaella chega mesmo a reiterar no capítulo 6, *O corpo tecnológico na arte*, que “uma nova antropomorfia está emergindo, o que envolve transformações não apenas na fisicalidade dos corpos, mas também na sensibilidade, consciência e mente humana”. Desafio que “exige determinação e coragem frente ao incerto e ainda indefinido, justamente as qualidades que não faltam aos artistas”, sinalizando com isso que não estão localizadas nas mídias as transformações contemporâneas que ocorrem nesta simbiose entre corpo e tecnologia, na medida em que “a mídia só trabalha com as superfícies aparentes e sempre com o reconhecível, o padronizável e, sobretudo, com que se vende mais e com mais velocidade” (idem, p. 80-81).

Na cibercultura, a centralidade do artista não nos parece separada de um contexto cultural mais amplo que o encerra em uma dinâmica de fluxos de comunicação global, impedindo-o de deter a autonomia necessária para se posicionar como intérprete de um sintoma cultural na contemporaneidade. Ou seja, a insistência em fixar nos artistas uma espécie de “classe de sujeitos” mais habilitada a discursar sobre a cibercultura, em detrimento da influência decisiva das mídias na propagação de um discurso tecnocientífico – ainda que aquelas tendam à padronização e possuam um viés mercadológico –, parece ser mais compatível com um contexto modernista no qual as chamadas vanguardas artísticas ocupavam ainda um lugar de destaque frente aos acontecimentos culturais do início do século XX.

Nesse sentido, Marshall McLuhan cita Wyndhan Lewis: “O artista está sempre empenhado em escrever a minuciosa história do futuro, porque ele é a única pessoa consciente da natureza presente!” (McLUHAN, 1964, p. 85). Ainda relata a habilidade secular do artista de neutralizar a violência causada pela tecnologia (pela sua rapidez de propagação, pegando desprevenida a população em geral) com profecia e plena consciência, sendo úteis à sobrevivência. Para tanto completa:

O artista é indispensável para a configuração, análise e compreensão da vida das formas, bem como das estruturas criadas pela tecnologia elétrica. (...) O artista é o homem que, em qualquer campo, científico ou humanístico, percebe as implicações de suas ações e do novo conhecimento de seu tempo. Ele é o homem da consciência integral (ibid, p. 85).

E justifica:

Os efeitos da tecnologia ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência. O artista sério é a única pessoa capaz de enfrentar, impune, a tecnologia, justamente porque ele é um perito nas mudanças perceptivas (idem, p. 34).

Apoiando-se em Tadeu da Silva, Nikolas Rose, Nízia Villaça e Fred Goés, Santaella traça um breve, porém preciso, percurso da desconstrução do sujeito. Citando Nikolas Rose, Santaella expõe que mesmo as proposições linguísticas de Emile Benveniste que enfatizam as “propriedades subjetivantes da linguagem concebida como um sistema gramatical, como uma relação entre pronomes colocada em jogo em instâncias do discurso” (SANTAELLA, 2004, p. 18), são insuficientes para explicar os processos de subjetivação. Nesse caso, a autora tende a concordar com Deleuze e Guattari, para quem

a subjetivação nunca é um processo puramente gramatical; ela surge de “um regime de signos e não de uma condição interna à linguagem” e esse regime de signos está preso a um agenciamento ou a uma organização de poder. Dessa perspectiva, a subjetivação deve referir-se, antes de tudo, não à linguagem e às suas propriedades internas, mas àquilo que Deleuze e Guattari chamam, seguindo Foucault, de um “agenciamento de enunciação” (idem, p. 19).

No capítulo 1, *O corpo sob o fantasma do sujeito*, Santaella discute o paradoxo herdado por Descartes no qual a supremacia da razão manteve, durante séculos, o corpo como uma máquina imperfeita habitada pelo “fantasma” do sujeito cartesiano. Entretanto, desde o século passado, este fantasma começou a perder seu poder de influência e a definição de um sujeito universal, “estável, unificado, totalizado e totalizante, interiorizado e individualizado” (idem, p. 15-16), passou a ser questionada, levando à hipótese da suposta morte do sujeito.

Se a ubiquidade da técnica no cotidiano parece ser o principal sintoma da contemporaneidade, onde as tecnologias da comunicação inventam uma estrutura social rizomática, soa anacrônico evitar às formas de produção artística certa primazia no agenciamento de uma subjetividade cibernética.

Em momento algum a afirmação acerca dos artistas como organização de sujeitos é firmada por Santaella, tampouco nega que a superexposição do corpo nas mídias tenha propiciado à arte um fértil campo de exploração para tratá-lo como objeto privilegiado. No entanto, ao devotar uma substancial parte de sua reflexão sobre “corpo e comunicação” ao mero registro das produções contemporâneas de artistas – ou mesmo ao campo da moda (capítulo 8: *O corpo volátil na moda* e capítulo 9: *O corpo nas mídias*) –, tanto o leitor imprudente poderá supor que é nesta interface – entre arte e corpo – que a tecnologia desenvolve uma gramática cognitiva que justifique sua ubiquidade na cultura contemporânea,

como perdemos a oportunidade de melhor conhecer os elementos teóricos e epistêmicos que norteiam as pesquisas da autora em torno das relações entre corpo e tecnologia e de pensar no advento de uma dimensão corporal biocibernética.

No entanto, a que se propõe *Corpo e comunicação* senão à “problematização, sob uma multiplicidade de ângulos” “das simbioses entre o corpo e as tecnologias?” (idem, p. 10). Como a própria autora sustenta, para além de um corpo fenomenológico, de um corpo construído social e culturalmente, um terceiro sentido e dimensão do corpo surgem como sintoma de uma contemporaneidade pós-humana: *o corpo biocibernético* (idem). Tal como um “ciborgue”, essa “hibridização indiscernível entre o orgânico-biológico e o maquínico-cibernético, entre a umidade do carbono e a secura do silício” (2004, p. 55) seria evidente nas contínuas interfaces que se têm criado entre o corpo e as tecnologias.

Segundo Santaella, uma das interfaces ocorreria em um movimento *de dentro para fora*. Em um confesso desdobramento do conceito de McLuhan dos *meios de comunicação como extensões do homem*, trata-se aqui de perceber que um processo de virtualização do corpo coloca-se em marcha a partir de cada inovação tecnológica que ocorre nos meios de comunicação, estendendo nosso aparelho sensório para além dos limites do orgânico e da materialidade do espaço.

Concordamos que McLuhan tenha contribuído para o entendimento da cultura midiática ao abordar justamente os elementos epistemológicos que se colocam em jogo através da mediação da técnica em nosso cotidiano, representando assim um avanço em relação às teorias da comunicação que, então, propunham esquemas funcionais binários de emissor-receptor. Todavia, da maneira exposta por Santaella no capítulo 4, *O corpo biocibernético revisitado*, a técnica apenas amplia nosso aparato perceptual:

(...) no seu movimento do interior para o exterior, o corpo cibernético já teve início com as tecnologias mecânicas da era industrial, cujo paradigma está patente na câmera fotográfica. Como extensão da visão, a câmera aumenta o potencial desse órgão sensório na sua função perceptiva-explanatória. O que é importante notar é que, em sua capacidade extensora, ao acoplar-se à visão, esse tipo de máquina dilata, amplia o corpo em direção ao exterior (idem, p. 58).

Uma outra interface possível entre corpo e tecnologia ocorreria, segundo Santaella, em um movimento *de fora para dentro*. Aqui entram as próteses e nanotecnologias, que incluem desde um implante de marca-passo até a intervenção, manipulação e modificação da própria informação biológica que constitui a memória (idem, p. 61-64). Aproximando-se da cibernética de Wiener, o corpo é então visto como uma máquina que opera – tal qual como

em um sistema informacional – através de um circuito movido por *inputs* e *outputs* de informações que se regulam a si mesmas.

Como questão epistêmica, os limites entre a interioridade do sujeito e a exterioridade dos objetos podem não ser facilmente solucionados colocando-se o corpo no lugar do pensamento para reviver o sujeito. Como bem pontua Santaella, “o corpo – secularmente recalado pelo fantasma do sujeito – não retornou para ocupar o lugar deixado por esse sujeito, como ingenuamente pensam alguns” (idem, p. 24). Ainda segundo a autora, quando a biotecnologia, manipulando o material genético humano, ameaça a singularidade e o regime de autenticidade do humano com sua potencial capacidade de produzir seres híbridos, duplos, simulacros do humano, coloca-se em xeque a originalidade do humano (idem, p. 30-31).

De frente a este cenário, Santaella apresenta-nos duas perspectivas: a mais extremada, que adere “ao ponto de vista de Baudrillard quando afirma que é o próprio corpo humano que chegou ao seu fim” diante da possibilidade de seu simulacro; e a da “ontologia de Deleuze e Guattari” que “nos forçam a pensar não em termos de ‘sujeitos’, de mônadas, de átomos ou indivíduos, mas em termos de fluxos e intensidades” (idem, p. 32).

Assim, não é tanto a biotecnologia que ameaça o corpo humano, mas o lugar que seu discurso ocupa para enunciá-lo e organizá-lo. Por outro lado, concordamos com Santaella quando propõe um passeio sobre as problematizações do corpo sob uma multiplicidade de ângulos, quando insiste que não devemos proclamar o fim do corpo, mas interrogá-lo (capítulo 2, *O corpo sob interrogação*). Essas interrogações, todavia, observamos com maior intensidade no capítulo 3, *O que Matrix não mostra: o corpo sensório-perceptivo do cibernauta*, quando se propõe a “delinear o perfil cognitivo do leitor imersivo, aquele que navega através das arquiteturas informacionais fluidas do ciberespaço, transitando entre os nós e nexos das estruturas hipermediáticas” (idem, p. 35). A questão é, então, saber que “habilidades perceptivas e cognitivas estão por trás” do internauta quando navega de forma labiríntica pelo ciberespaço. E a hipótese defendida por Santaella é que a imersão “do usuário plugado no ciberespaço” não implica uma “imobilidade corporal”, mas, ao contrário, aciona em seu corpo um complexo processo perceptivo-cognitivo, reabilitando inclusive o recalado sistema háptico em nossa cultura (idem, p. 36-37).

Em tempos de total imersão ciberespacial, o corpo experimenta sua onipresença em todos os campos dos saberes e esse fenômeno “pode ser em parte explicado pelas inquietações provocadas pelos processos de corporificação, descorporificação e recorporificação propiciados pelas tecnologias do virtual e pelas emergentes simbioses entre o corpo e as

máquinas” (2004, p. 134). Na expectativa de poder transcender o corpo carnal através da desmaterialização da simulação, coloca-se em questão as tradicionais estratégias identificatórias constitutivas da subjetividade, como a autora aponta no capítulo 7, *O campo controverso da bioarte*.

Para Santaella, em especial explicado no capítulo 10, *O corpo como sintoma da cultura*, este querer transcender carnal e a busca obsessiva pela onipresença dão-se pela razão do corpo ter se tornado um dos “sintomas da cultura do nosso tempo” (ibid). “Diferente dos sintomas do século XIX, que se davam no corpo, que marcavam o corpo, gradativamente esses sintomas foram crescendo até tomar o corpo ele mesmo como sintoma da cultura” (ibid). Tudo isto através de uma crise do sujeito, do eu, da subjetividade, que coloca em causa até mesmo ou, antes de tudo, nossa corporalidade e corporeidade. Por fim, o corpo tornou-se um nó de múltiplos investimentos e inquietações, não apenas pelo olhar do artista, mas por toda classe de pesquisadores que visam a maximização do corpo e a quebra de paradigmas carnis por meio de um outro corpo, a fim de comunicar novos sintomas da cultura.

## **Referências**

- KURZWEIL, Ray. *A Era das Máquinas Espirituais*. São Paulo: Aleph, 2007.
- McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.
- NOVAES, Adauto. A ciência manipula o corpo. IN: Adauto Novaes (org.). *O Homem-máquina: A ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 7-14.
- SANTAELLA, Lúcia. *Corpo e Comunicação: Sintomas da Cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.